

## Dinâmicas da desinformação: interações entre política, religião e negação da ciência

Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro<sup>1</sup>

Maria Fernanda Dias Vieira<sup>2</sup>

João Pedro Viveiros Ribeiro<sup>3</sup>

Harmony Diosinay de Araújo<sup>4</sup>

**Resumo:** Este estudo explora a relação entre desinformação, crenças religiosas e dinâmicas políticas no fortalecimento do negacionismo científico no Brasil, com ênfase no período pós-pandemia de Covid-19. A pesquisa utilizou um questionário online com 109 participantes, abordando cinco eixos: acesso à informação, crenças religiosas, visões políticas, concepções sobre ciência e dados sociodemográficos. Os resultados destacam a predominância das redes sociais como fonte de (des)informação, o papel das crenças religiosas na recepção de notícias falsas e a influência indireta das lideranças políticas. Conclui-se que o negacionismo é resultado de uma interseção complexa entre desinformação, interesses econômicos e polarização cultural, exigindo ações integradas de educação midiática e fortalecimento do pensamento crítico.

**Palavras-chave:** negacionismo; notícias falsas; crenças religiosas e políticas

1

## Dynamics of disinformation: interactions between politics, religion and science denial

**Abstract:** This study explores the relationship between misinformation, religious beliefs and political dynamics in the strengthening of scientific denialism in Brazil, with an emphasis on the post-COVID-19 pandemic period. The research used an online questionnaire with 109 participants, addressing five axes: access to information, religious beliefs, political views, conceptions about science and sociodemographic data. The results highlight the predominance of social networks as a source of information, the role of religious beliefs in the reception of *fake news* and the indirect influence of political

<sup>1</sup> Doutora em Estudos Linguísticos (UFMG) e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Email: [maria.ribeiro@unimontes.br](mailto:maria.ribeiro@unimontes.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9205-5858>.

<sup>2</sup> Graduanda em Medicina pela Universidade Estadual de Montes Claros. Bolsista de Iniciação Científica pela FAPEMIG. Email: [mariafernandavieira334@gmail.com](mailto:mariafernandavieira334@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-3119-9961>.

<sup>3</sup> Graduando em Letras-Português pela Universidade Estadual de Montes Claros. Estagiário na Editora Unimontes. Email: Orcid: [jribeirov17@gmail.com](mailto:jribeirov17@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9546-3582>.

<sup>4</sup> Mestre em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros. Graduada em Serviço Social e Pedagogia. Bolsista FAPEMIG do Projeto Laboratório Multiusuário de Tecnologias Digitais na Educação. Email: [maciel.harmony@gmail.com](mailto:maciel.harmony@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9671-4942>



leaders. It is concluded that denialism is the result of a complex intersection between misinformation, economic interests and cultural polarization, requiring integrated media education actions and strengthening of critical thinking.

**Keywords:** denialism; *fake news*; religious and political beliefs

## **Dinâmica de la desinformación: interacciones entre política, religión y negación de la ciencia**

**Resumen:** Este estudio explora la relación entre la desinformación, las creencias religiosas y las dinámicas políticas en el fortalecimiento del negacionismo científico en Brasil, con énfasis en el período pospandemia de Covid-19. La investigación utilizó un cuestionario en línea con 109 participantes, abarcando cinco ejes: acceso a la información, creencias religiosas, visiones políticas, concepciones sobre la ciencia y datos sociodemográficos. Los resultados destacan el predominio de las redes sociales como fuente de información, el papel de las creencias religiosas en la recepción de noticias falsas y la influencia indirecta de los líderes políticos. Se concluye que el negacionismo es resultado de una compleja intersección entre desinformación, intereses económicos y polarización cultural, que requiere acciones integradas de educación mediática y fortalecimiento del pensamiento crítico.

**Palabras clave:** negacionismo; noticias falsas; creencias religiosas y políticas

### **1 Considerações iniciais**

A partir das eleições de 2018 no Brasil, observou-se o uso intensivo de *fake news* como estratégia eleitoreira. Com a pandemia de Covid-19, o fenômeno da desinformação se agravou, resultando no que Tedros Adhanom, então diretor-geral da OMS, denominou “infodemia”. Esse cenário de ampla circulação de informações falsas contribuiu significativamente para o fortalecimento do negacionismo científico na sociedade brasileira<sup>5</sup>.

Durante a pandemia, as recomendações científicas enfatizavam o distanciamento social e, posteriormente, a vacinação em massa para conter a transmissão do vírus. No entanto, no Brasil, o governo federal da época, liderado por Jair Bolsonaro, adotou posturas claramente anticientíficas. Medidas amplamente recomendadas foram ignoradas, levando ao colapso do sistema de saúde em várias regiões do país, transformando o “federalismo de cooperação” em “federalismo de confrontação” (Fleury; Fava, 2022).

O negacionismo científico, nesse período, tornou-se praticamente o posicionamento (extra)oficial do governo federal. Instituições científicas foram desacreditadas, campanhas de vacinação enfraquecidas, e o Brasil caminhou na

---

<sup>5</sup> Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo apoio financeiro na realização desta pesquisa.

contramão das orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) (Galhardi et al., 2022; Matos, 2021).

Nesse contexto, grupos religiosos — especialmente segmentos evangélicos pentecostais e neopentecostais — desempenharam papel significativo ao influenciarem políticas públicas e direcionarem debates, fortalecendo discursos políticos conservadores que se apresentavam como possibilidade de solução para boa parte dos problemas em curso (Guerreiro; Almeida, 2021). Observações empíricas e o noticiário da época indicam que parte importante dos líderes religiosos minimizaram a gravidade da Covid-19: ora a interpretaram como uma “praga divina”, ora promoviam remédios sem eficácia comprovada, ora demonizaram vacinas e sempre promoviam a “fé” como a forma mais eficaz de proteção.

É a partir deste cenário que este estudo discute como crenças religiosas e posicionamentos políticos influenciaram a confiança da população brasileira na ciência num período pós-pandemia. Para tanto, utilizou-se um questionário estruturado (aplicado online a cerca de 110 participantes) dividido em cinco seções, que delinearão o perfil social dos participantes, hábitos de acesso à informação, influências religiosas, posicionamentos políticos e crenças científicas. A partir disso, o estudo apresenta reflexões que visam compreender em que medida saberes de crença parecem influenciar a adesão a fenômenos de desinformação.

Para tanto, o estudo aborda inicialmente o fenômeno da desinformação, indicando a mediação do eu nas redes sociais como um importante fator de propagação da desordem informacional. Na sequência, o estudo articula a produção e disseminação de notícias falsas a certas crenças religiosas e posicionamentos políticos, apresentando, por fim, a análise dos dados e o desenho final da pesquisa.

## **2 O fenômeno da desinformação**

A desinformação assume uma dimensão especialmente preocupante em contextos de crise, conforme destaca Mariana Zattar (2017). Trata-se de um fenômeno marcado pela circulação de informações enganosas, que não ocorrem de forma acidental, mas são deliberadamente produzidas com o objetivo de causar danos. Esse processo pode se manifestar de diferentes maneiras, incluindo a criação de informações falsas, a disseminação de dados imprecisos sem intenção de prejudicar e a manipulação de fatos

reais para atender a objetivos específicos. Essas variações integram o que Wardle e Derakhshan (2017) chamam de “desordem informacional”.

Nesse cenário, o negacionismo científico emerge como uma das vertentes mais graves da desinformação. Embora não seja um fenômeno recente, suas raízes históricas encontram paralelos no período pós-Segunda Guerra Mundial, com tentativas de negar o Holocausto (Pasternak; Orsi, 2021). No século XXI, no entanto, ele ganhou nova força com ataques direcionados às instituições científicas, ameaçando não apenas a credibilidade da ciência, mas também princípios democráticos (Kropf, 2022).

Um exemplo emblemático desse fenômeno foi a alegação de que a Pfizer teria divulgado “1.291 efeitos colaterais graves” associados à sua vacina contra a Covid-19 (Macário, 2022). Amplamente disseminada nas redes sociais, essa informação originou-se de uma interpretação equivocada de um relatório submetido ao *Food and Drug Administration* (FDA), órgão equivalente à Anvisa no Brasil. O relatório, na verdade, elencava eventos adversos que requeriam monitoramento, e não uma lista comprovada de efeitos colaterais. Contudo, a narrativa manipulada serviu para alimentar a desconfiança em relação à vacinação, gerando insegurança e hesitação na população, atingindo a empresa, certamente, mas também a saúde pública, dado ao contexto de crise.

Esse exemplo reflete um padrão em que informações genuínas, retiradas de seus contextos originais, são reorganizadas para atender a objetivos específicos, como o descrédito de medidas científicas ou a promoção de narrativas conspiratórias. Nesse processo, redes sociais desempenham um papel central na produção, distribuição e consumo de desinformação. Santiago e Araújo (2022) destacam que as mídias sociais são espaços onde discursos enganosos circulam de forma acelerada e acrítica, influenciados pelas crenças individuais e ideologias políticas de seus usuários. Muitas vezes o discurso enganoso surge justamente como uma suposta visão crítica de “alguém que não se deixa manipular”, turvando a percepção dos usuários.

A facilidade de disseminação de conteúdos falsos nas redes é intensificada pelo uso performático dessas plataformas. Wardle e Derakhshan (2018) ressaltam que nesses ambientes os indivíduos tendem a compartilhar informações que reforçam suas identidades e crenças, mesmo que essas informações careçam de fundamentação. Nesse sentido, crenças religiosas e ideologias políticas tornam-se filtros na forma como as pessoas interpretam e reagem às mensagens desinformativas.

Em complemento, algoritmos construídos para prender usuários em suas bolhas, sobretudo em discursos polêmicos, faz parecer que o mundo todo está pensando em certa

direção e que o sumo da discussão que importa está sendo oferecido em pílulas de informação breve e eficaz, aumentando a segurança e convicção dos usuários quanto à veracidade do que consomem. Tudo isso é maximizado pela possibilidade recente de “mídiação do eu”, quando performances identitárias podem se alastrar rapidamente pelas redes, levando usuários a reforçarem suas ações e opiniões para se alinharem aos grupos que desejam integrar.

## **2.1 A projeção do eu e a expansão da desinformação**

O advento da internet e das redes sociais trouxe mudanças profundas na forma como a informação é consumida e produzida. Enquanto a televisão dominava a mediação da informação no século XX, a internet fragmentou e democratizou o acesso, permitindo que indivíduos criassem e disseminassem narrativas próprias.

A possibilidade de mídiação do eu, do uso estratégico de algoritmos e de dados interesses financeiros geraram consequências talvez não previstas inicialmente. Redes sociais, ao invés de criar pontes entre diferentes perspectivas, fomentaram câmaras de eco, onde indivíduos interagem apenas com aqueles que compartilham suas crenças. Nesse ambiente, a falta de regulamentação facilita (e mesmo incentiva) a disseminação de desinformação, que muitas vezes se disfarça de liberdade de expressão.

Azevedo e Lemos (2017), as redes sociais contribuíram para o que os autores chamam de "performatividade do eu", onde os usuários apresentam uma identidade projetada que reforça suas posições ideológicas e sociais. Nesse contexto, a interação nas plataformas é motivada não apenas pela troca de informações, mas pela necessidade de pertencimento a grupos específicos, frequentemente polarizados. Esse cenário reforça a propagação de desinformação, já que indivíduos tendem a compartilhar conteúdos que confirmam suas visões de mundo, independentemente da veracidade dos dados apresentados.

Além disso, a dinâmica das redes sociais brasileiras, especialmente no WhatsApp e no Facebook, apresenta uma característica peculiar: a forte utilização de redes de confiança, como grupos familiares e religiosos, para disseminar conteúdos. De acordo com Massuchin et al. (2021), esses espaços atuam como amplificadores de mensagens que reforçam laços comunitários, mas também como propagadores de desinformação, frequentemente ancorados em discursos morais ou religiosos. Assim, o "eu midiático"

muitas vezes atua como mediador de informações que confirmam narrativas já internalizadas pelos grupos sociais aos quais pertencem.

A ausência de regulamentação efetiva das redes no Brasil agrava esse problema, permitindo que a desinformação circule livremente e seja legitimada por figuras de autoridade no ambiente digital. Como observa Miguel (2018), o ambiente virtual contribui para a fragmentação do debate público, enfraquecendo o diálogo entre diferentes perspectivas e promovendo a criação de bolhas informacionais. Nesse cenário, a projeção do eu nas redes não apenas molda o conteúdo consumido, mas também reforça dinâmicas de exclusão e polarização que dificultam a circulação de informações científicas confiáveis.

## 2.2 Notícias falsas e sistemas de crenças

O crescimento das notícias falsas, particularmente a partir de 2016, intensificou a desinformação em um cenário global já marcado pelo fenômeno da pós-verdade. Nesse contexto, as emoções passaram a ser mais influentes do que os fatos, levando a um enfraquecimento da confiança na informação científica. Essa dinâmica complexa se aprofundou no Brasil durante a pandemia de Covid-19, quando a desinformação sobre vacinas, tratamentos e a gravidade do vírus se tornou um desafio de saúde pública, como discutido.

Dentre as consequências desse cenário, destaca-se a forte influência das crenças religiosas como mediadoras da recepção de notícias falsas. Estudos apontam que as mensagens desinformativas mais eficazes muitas vezes se ancoram em valores morais e espirituais, dialogando diretamente com o universo simbólico das comunidades religiosas. Segundo Segato (2014), esse tipo de narrativa não apenas reforça a coesão grupal, mas também legitima posições contrárias à ciência quando esta é percebida como ameaça aos valores culturais e espirituais dessas comunidades.

No entanto, a instrumentalização das crenças religiosas para a disseminação de desinformação não é um fenômeno isolado, mas está profundamente entrelaçada com os interesses políticos. No Brasil, *fake news* foram utilizadas como ferramenta estratégica para fortalecer grupos de poder, especialmente em tempos eleitorais. Líderes religiosos que ocupam espaços políticos passaram a empregar a desinformação para ampliar sua base de apoio, justificar suas posições e enfraquecer adversários que não compartilham

de seus valores. Mariano (2012) observa que esse movimento reforça a influência das igrejas evangélicas na esfera pública, moldando decisões eleitorais e debates legislativos.

Essas práticas, no entanto, não são apenas questões de religião ou fé; elas são também reflexos de um cenário político em que o negacionismo científico se entrelaça com interesses partidários. A ascensão de movimentos políticos, como a extrema-direita, ilustra como o negacionismo pode ser utilizado como uma ferramenta de mobilização política. O negacionismo científico, por exemplo, encontra apoio entre setores que rejeitam os princípios da democracia liberal e se opõem a políticas públicas baseadas na ciência. Farias (2024) explica que a ligação entre a extrema-direita e o negacionismo científico é sustentada por diversos fatores, dentre os quais se destacam: i) *rejeição à democracia liberal*: muitos grupos da extrema-direita nutrem desconfiança em relação à expertise científica, particularmente quando ela entra em conflito com ideologias estabelecidas; ii) *valores conservadores*: há uma forte conexão entre esses grupos e valores conservadores que se opõem ao avanço científico, como no caso das políticas para mitigar as mudanças climáticas; iii) *interesses econômicos*: organizações associadas à extrema-direita frequentemente recebem apoio financeiro de setores que se beneficiam do *status quo*, como o agronegócio e a mineração, os quais incentivam o negacionismo climático para proteger seus lucros; iv) *visibilidade e influência*: o crescimento desses movimentos conferiu maior visibilidade ao negacionismo, transformando-o em uma força significativa tanto no debate público quanto nas políticas globais.

Portanto, tanto a religião quanto a política têm desempenhado papéis centrais na perpetuação do negacionismo científico. As crenças religiosas são manipuladas para fortalecer posições políticas, e, por sua vez, a política usa a desinformação para consolidar poder e moldar a opinião pública. Essa dinâmica exige atenção urgente para a criação de políticas públicas que promovam a educação midiática, o fortalecimento do pensamento crítico e a valorização do conhecimento científico. Somente assim será possível contrabalançar o impacto das *fake news* e preservar o peso da ciência no debate público.

### 3 Análise de dados

Este estudo analisa aspectos da desinformação na população brasileira a partir de dados coletados por meio de um questionário online, respondido por 109 participantes, e de entrevistas realizadas com cinco deles. O questionário adota a escala *likert* com cinco graus de adesão. Neste texto, o foco está restrito aos dados do questionário, que foi

estruturado em cinco seções: dados sociodemográficos, acesso à informação, crenças religiosas, visões políticas e concepções sobre a ciência.

No que diz respeito ao acesso à informação, os resultados indicam que 67,9% dos participantes utilizam redes sociais como principal fonte de notícias, seguidas de perto por jornais digitais (66,1%). No entanto, quando questionados sobre o principal meio de acesso à informação, apenas 38,8% mencionaram redes sociais, enquanto 35% citaram jornais digitais. Essa discrepância pode ser explicada por uma percepção de que as redes sociais não são consideradas fontes tão confiáveis, levando os participantes a priorizarem fontes que acreditam ter maior credibilidade, sobretudo quando respondem a um formulário de pesquisa.

Os dados também revelam um declínio significativo no consumo de noticiários televisivos: 35,9% dos participantes relatam nunca ou raramente assistir TV, enquanto 30% afirmam assistir apenas ocasionalmente. Esse comportamento sugere uma mudança no consumo de notícias, com uma preferência cada vez maior por plataformas digitais e redes sociais. Contudo, essas plataformas, apesar de democratizarem o acesso à informação, são amplamente reconhecidas como ambientes suscetíveis à desinformação em larga escala e à formação de “câmaras de eco”, especialmente em contextos políticos, como vimos discutindo.

No campo da compatibilidade entre religião e ciência, os resultados indicam uma tendência conciliadora entre os participantes. Cerca de 36,7% discordam totalmente da ideia de que religião e ciência são incompatíveis, enquanto 18,3% discordam parcialmente, totalizando 55% dos respondentes que consideram possível a coexistência entre essas duas esferas. Por outro lado, 14,7% concordam totalmente e 17,4% concordam parcialmente com a incompatibilidade, indicando que aproximadamente um terço dos entrevistados percebe um conflito entre religião e ciência. Os dados revelam, portanto, uma divisão de opiniões, mas com uma leve predominância de perspectivas que aceitam a coexistência, embora ainda exista uma parcela significativa que identifica incompatibilidades.

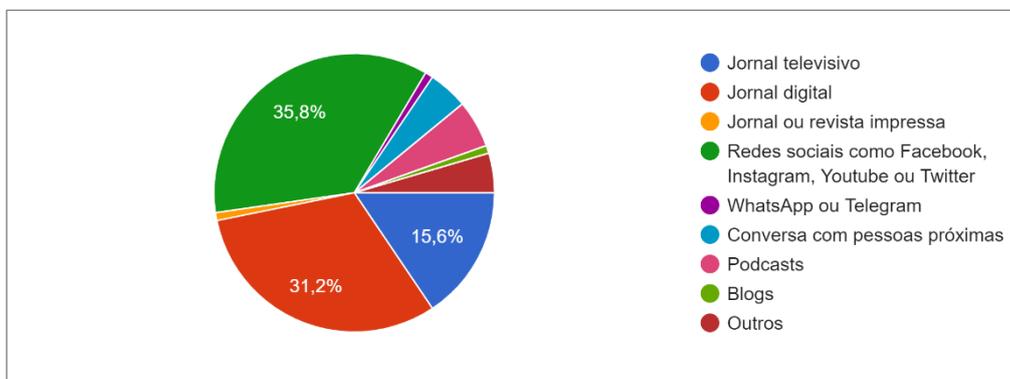
A análise das opiniões sobre o papel dos governantes em relação a valores morais revelou que 52,3% dos participantes esperam que os líderes políticos defendam os valores da moral, com 30,3% concordando totalmente e 22% concordando parcialmente. Em contrapartida, 20,2% discordam parcialmente e 15,6% discordam totalmente dessa afirmação, enquanto 11,9% permanecem neutros. Esses resultados contrastam com a divisão observada na questão sobre a conciliação entre religião e ciência, sugerindo que

o tema dos valores morais desperta maior consenso. A expectativa de que os governantes defendam valores morais pode refletir uma preocupação com a ética na governança, embora seja possível inferir que os valores morais desejáveis são aqueles mais alinhados a certo conservadorismo que mantenha o *status quo*.

Por fim, a análise das percepções sobre a influência dos políticos nas opiniões dos participantes aponta para uma tensão interessante. Cerca de 33,9% discordam totalmente e 21,1% discordam parcialmente da ideia de que os políticos que apoiam influenciam suas opiniões, indicando que mais da metade dos participantes (55%) percebe-se como independente em relação à influência política direta. Esse dado contrasta com a expectativa expressa anteriormente de que os governantes devem defender valores morais. Essa distinção pode sugerir que, embora os participantes esperem ética e valores nos líderes, eles não admitem que esses mesmos líderes tenham impacto direto em suas opiniões pessoais. Tal postura pode refletir uma percepção de autonomia ou um ceticismo em relação à política, destacando uma desconexão entre o que os participantes esperam da governança pública e a maneira como percebem sua própria formação de opinião. Os gráficos a seguir ilustram alguns dados mencionados anteriormente.

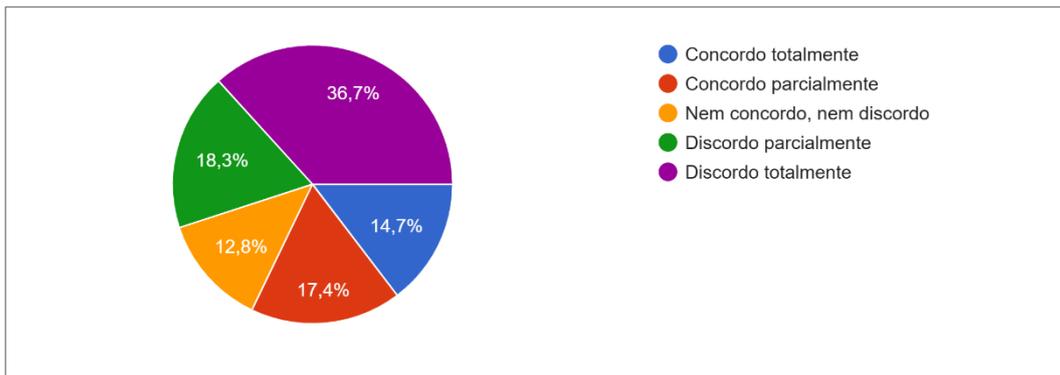
9

Gráfico 1: Qual é a sua principal fonte de informação?



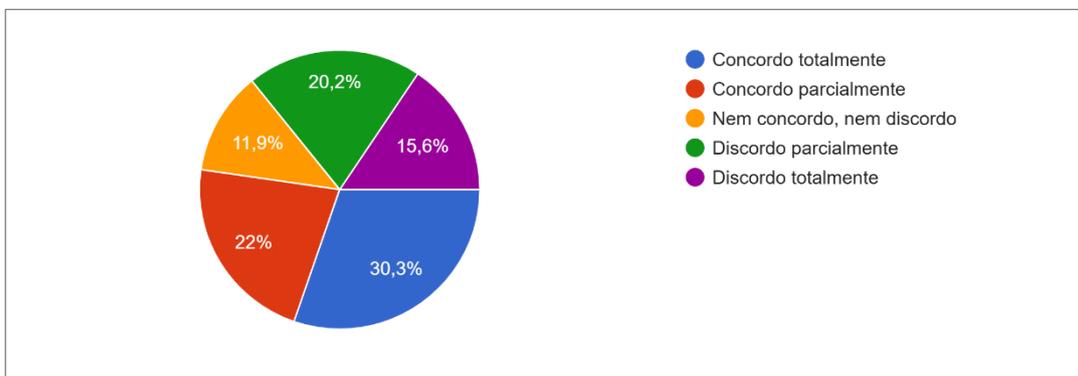
Fonte: elaboração própria.

Gráfico 2: Religião e ciência são incompatíveis?



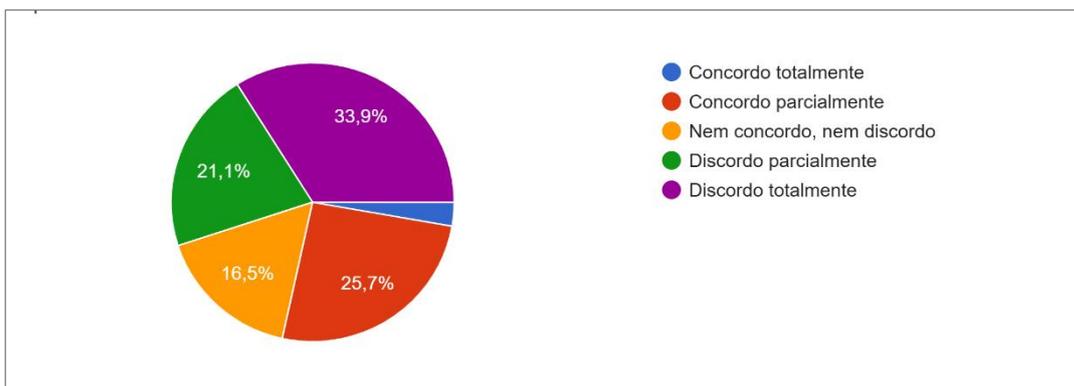
Fonte: elaboração própria.

Gráfico 3: Espero que os governantes defendam valores da moral.



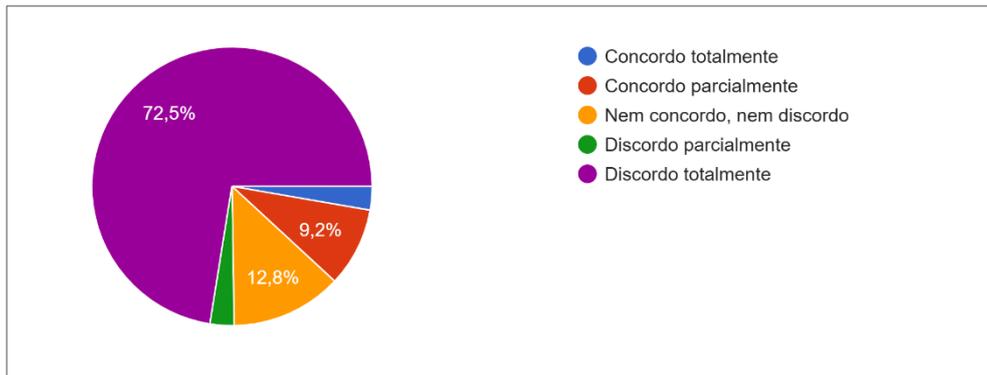
Fonte: elaboração própria.

Gráfico 4: Os políticos que apoio influenciam minha opinião.



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 5: O líder de minha igreja influencia minha visão política.



Como dito, os dados analisados revelam uma mudança significativa nos hábitos de consumo de informação entre os participantes, com predomínio das redes sociais e jornais digitais sobre os meios tradicionais. Essa transição para plataformas digitais, embora facilite o acesso rápido às notícias, também levanta questões quanto à propagação da desinformação, especialmente em contextos políticos.

No que tange à relação entre religião e ciência, a maioria dos entrevistados não percebe incompatibilidade entre as duas esferas, admitindo uma tendência conciliadora. Contudo, uma parcela específica ainda vê conflito, refletindo a diversidade de opiniões presentes na sociedade brasileira.

Adicionalmente, observa-se uma expectativa predominante de que os governantes defendam valores morais, evidenciando a importância atribuída à ética na política. Paradoxalmente, muitos participantes afirmaram que os políticos que apoiam ou os líderes das religiões que seguem não influenciam suas opiniões pessoais, numa tentativa de expressar uma postura crítica e autonomia de pensamento em relação às lideranças políticas e religiosas, embora haja fortes indícios de que o que é sustentado no discurso não é exercido na prática.

Em síntese: os resultados apontam para uma sociedade em transição, que valoriza a rapidez e acessibilidade da informação digital, mantém uma visão majoritariamente conciliadora entre religião e ciência, espera defesa de valores morais dos governantes, e que tenta (sem sucesso) demonstrar que preserva a independência de pensamento frente às influências religiosas e políticas. Essas tendências refletem a complexidade e a pluralidade do contexto brasileiro contemporâneo, indicando áreas que merecem atenção em estudos futuros sobre desinformação e formação de opinião pública. Essas tendências fornecem subsídios para compreender as bases do negacionismo científico no Brasil, especialmente no que diz respeito à interação entre mídia, religião e política.

#### 4 Considerações finais

A pesquisa indica uma mudança nos hábitos de consumo de informação, com plataformas digitais ganhando destaque, mas também criando ambientes de polarização e desinformação. Apesar de muitos participantes afirmarem independência em relação a lideranças políticas, observa-se que seus valores e expectativas, como a defesa da moralidade pelos governantes, frequentemente estão alinhados a crenças religiosas e narrativas políticas específicas, revelando uma relação mais complexa do que inicialmente percebida.

Essa aparente desconexão entre a percepção de independência e a influência indireta dos sistemas de crença talvez evidencie uma fragilidade na consciência crítica em relação à formação de opinião. Nessa medida, o negacionismo científico, como expressão mais ampla dessas tensões, não surge isoladamente, mas como produto de uma interseção complexa entre interesses econômicos, desconfiança institucional e narrativas conservadoras amplificadas por câmeras de eco de redes sociais.

Portanto, o desafio não está apenas em combater a desinformação ou promover a ciência, mas em reconstruir os alicerces do debate público, resgatando a confiança na ciência e fortalecendo a educação midiática e crítica. Este processo exige não apenas esforços institucionais, mas um olhar atento às nuances culturais e sociais que permeiam as interações entre religião, política e ciência no Brasil. Somente com uma abordagem integrada será possível mitigar os impactos da desinformação e fomentar uma sociedade mais informada e menos vulnerável à negação da ciência.

#### Referências

- AZEVEDO, Ivana; LEMOS, Ronaldo. *Cibercultura: tecnologia e cultura na era da internet*. São Paulo: Annablume, 2017.
- FLEURY, Sonia; FAVA, Virgínia Maria Dalfior. Vacina contra Covid-19: arena da disputa federativa brasileira. *Saúde em Debate*, 2022, 46, 248-264.
- GUERREIRO, Clayton; ALMEIDA, Ronaldo de. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. *Religião & Sociedade*, v. 41, n. 02, p. 49-74, 2021.
- KROPF, Simone. Negacionismos no Brasil: a cultura científica em tempos de crise. In: LIMA, Nísia Trindade (org.). *Ciência, Saúde e Sociedade no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2022. p. 123-145.

- GALHARDI, C. P., FREIRE, N. P., FAGUNDES, M. C. M., MINAYO, M. C. D. S., & CUNHA, I. C. K. O. *Fake news* e hesitação vacinal no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27, 1849-1858, 2022.
- MATOS, Maurílio Castro. O neofascismo da política de saúde de Bolsonaro em tempos perigosos da pandemia da COVID-19. *Humanidades & Inovação*, 2021, 8.35: 25-35.
- MASSUCHIN, Michele Galvan; SILVA, Marcelo Vieira da; SANTOS, Luiza Batista dos. Redes sociais, bolhas de informação e o papel do WhatsApp na difusão de conteúdos políticos. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 35, p. 129-165, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-335220213501>. Acesso em: 26 dez. 2024.
- MIGUEL, Luis Felipe. Autoritarismo e bolhas digitais: as redes sociais e o fechamento do espaço público. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 32, n. 93, p. 63-77, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-40142018.3293.0005>. Acesso em: 26 dez. 2024.
- MACÁRIO, Carol. É falso que Pfizer divulgou lista com 1.291 efeitos colaterais da vacina contra a Covid-19. *Lupa*. Maio de 2022. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/05/24/pfizer-lista-efeitos-colaterais-vacina>. Acesso: dez. 2024.
- PASTERNAK, N; ORSI, C. *Contra a Realidade: a negação da ciência, suas causas e consequências*, 1ª edição. Campinas, SP: Editora Papirus, 2021.
- ZATTAR, M. Competência em informação e desinformação: critérios de avaliação do conteúdo das fontes de informação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 285-293, nov. 2017.
- WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. *Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making*. Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-forresearch/168076277c>. Acesso em: 13 jun. 2021.